

MULHERES INDÍGENAS NO PASSADO E NO PRESENTE DAS AMÉRICAS E SUAS LUTAS POR DIREITOS

¹Meri Emeli Alves Machado

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul – meriemeli@gmail.com

Este texto apresenta parte do relato sobre o planejamento e a aplicação de aulas sobre mulheres indígenas no passado e no presente das Américas e suas lutas por direitos, realizadas em uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental do Município de Novo Hamburgo, RS. As aulas fazem parte de um projeto de pesquisa em andamento mais abrangente intitulado *A Aula Inacabada: democracia, utopia e ensino de história*. O *Aula Inacabada* é um grupo de pesquisa sob a coordenação da professora doutora Caroline Pacievitch, da Faculdade de Educação da UFRGS, formado basicamente por professores de História egressos do PROFHISTÓRIA (Mestrado Profissional em Ensino de História) e acadêmicos do Curso de Licenciatura em História. A pesquisa consiste em um trabalho coletivo e não hierarquizado entre Universidade e escolas de Educação Básica cujos participantes realizam e analisam experiências didáticas construídas a partir da seguinte problemática: que utopias podem ser criadas por docentes e estudantes em aulas de história da democracia no Brasil? Para explorar esta pergunta os objetivos da pesquisa se delinearam inicialmente em: a) identificar e analisar algumas das tendências na produção de conhecimento em ensino de História ligadas à educação política e à formação democrática e cidadã de jovens da Educação Básica; b) produzir e analisar, coletivamente, aulas sobre história da democracia; c) analisar as relações temporais produzidas por estudantes de Educação Básica a partir das aulas ministradas; d) criar conceitos sobre a aula de história e suas possíveis relações com as utopias políticas de jovens estudantes e de docentes. O referencial teórico-metodológico alinha-se com perspectivas críticas e procura questionar a branquitude, o eurocentrismo e os essencialismos no debate político e na produção do campo do ensino de História.

Durante o ano de 2021, realizamos encontros online para estudos coletivos sobre ensino de história e democracia e histórias da democracia no Brasil, e delineamos o referencial da pesquisa para além do projeto inicial. Neste processo,

revisamos os referenciais curriculares das redes de ensino em que trabalhamos e percebemos que a democracia está contida neles, de modo geral, apenas como um valor abstrato e não como parte de um processo histórico com distintas temporalidades e sujeitos. Na nossa busca por uma abordagem contracolonial (SANTOS, 2018) e não-eurocêntrica da história da democracia no Brasil, era imperativo que transpuséssemos a ideia de democracia apenas como valor e buscássemos inventar possibilidades de futuro por perspectivas radicais de democracia que combatam o racismo, o patriarcado e o capitalismo. Dessa forma, precisávamos definir o conceito de democracia e nos dedicamos a isto com base, principalmente nas obras de Chantall Mouffe, Guerreiro Ramos, Nilma Lino Gomes, Lynn Hunt e Wendy Brown (MOUFFE, 2003; RAMOS, 1995; GOMES, 2017; HUNT, 2007 e BROWN, 2015). A partir destas leituras entendemos que precisávamos buscar as histórias silenciadas, especialmente as que tratam de lutas, resistência e conflitos, evitando as narrativas genéricas que ignoram a multiplicidade das trajetórias que combateram/combatem as injustiças, o racismo, o patriarcado e toda a forma de discriminação.

Escolhi os povos indígenas (em especial as mulheres indígenas) e suas lutas históricas para abordar a história da democracia no Brasil, por considerar que a violência da colonização e os silenciamentos das vozes das mulheres indígenas na história têm características específicas que delineiam histórias de re-existência numa estrutura racista e patriarcal. Dessa forma, trazê-las para a aula de História e mostrar suas trajetórias através da análise de fontes primárias e diferentes visões históricas nos pareceu profícuo para instigar a reflexão sobre os diferentes movimentos sociais, suas lutas por direitos e participação política e suas experiências no tempo distintas.

PLANEJAMENTO E APLICAÇÃO

O planejamento inicial abrangia visões históricas críticas sobre o processo de conquista e colonização européia nas Américas (GUERRAS DO BRASIL.DOC, 2019) e desenvolvia dois exemplos de vozes de mulheres indígenas na história da colonização: o caso das guerreiras Icamíabas e da tradutora Malinche (HOLMES, 2005; NAVARRETE, 2007). Além disso, trazia a discussão sobre democracia, a participação dos movimentos sociais distintos na Assembleia Nacional Constituinte

(1987-1988) e as demandas específicas dos povos indígenas na atualidade, especialmente explorando a atuação das mulheres indígenas ativistas na política nacional. Nas minhas aulas, por questão de tempo, precisei sintetizar os materiais e retirar a parte que tratava das Guerreiras Icamíabas.

O processo de planejar a muitas mãos envolveu constante participação de todos(as) do grupo de professores e bolsistas para os estudos, recortes históricos, seleção de materiais e recursos, elaboração de sequências didáticas e estratégias. Durante o ano de 2022 foram realizadas reuniões no modo presencial e à distância para tomada de decisões sobre todas as etapas mencionadas e para contribuição com recursos e documentos que potencializasse a dinâmica das aulas. Sendo assim, a organização de um material didático que servisse como base se revelou necessário. O Caderno *Aula Inacabada* foi se organizando, assim, como um material orientador - porém, não encerrado em si - para as aulas, contendo textos e documentos históricos, imagens, sugestões de filmes e documentários, diálogo com as mídias digitais e propostas de análise e reflexão.

Apliquei as aulas com a turma 7º ano A (2022), da EMEB Machado de Assis - Novo Hamburgo, RS - que participou integralmente, sendo que apenas os materiais autorizados pelos Termos de Assentimento e Consentimento foram coletados (no formato digitalizado) para análise posterior.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa encontra-se em fase de análise das produções discentes das primeiras aplicações. Acredito que o diálogo com os estudantes, o contato destes com as fontes e a reflexão sobre os processos históricos, personagens históricos, suas lutas por direitos e possibilidades de aperfeiçoamento da democracia produziram proveitosas situações de aprendizagem que, avalio, ampliaram sua percepção sobre o que é a democracia e o processo histórico de lutas dos grupos sociais distintos para a construção de sociedades mais justas, dos direitos como conquistas que precisam ser permanentemente reafirmadas entre retrocessos e avanços e, mais especificamente, do papel das mulheres indígenas nestas lutas históricas.

REFERÊNCIAS

- BROWN, Wendy. Undoing the demos: Neoliberalism's stealth revolution. New York: Zone Books, 2015.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GUERRAS DO BRASIL.DOC. Direção: Luiz Bolognesi. Produção Laís Bodanzky. Co-Produção: EBC / TV Brasil. Brasil: Buriti Filmes, 2019. Plataforma Netflix. (130 min.)
- HOLMES, Bonnie. La visión de la malinche: lo histórico, lo mítico y una nueva interpretación. Gaceta Hispánica de Madrid, 2ª Ed, 2005.
- HUNT, Lynn. A invenção dos direitos humanos: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. Política & Sociedade, [s. l.], n. 3, p. 11–26, 2003.
- NAVARRETE, Federico. La Malinche, la Virgen y la montaña: el juego de la identidad en los códigos tlaxcaltecas, História, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 288-310, 2007.
- RAMOS, Guerreiro. Introdução crítica à sociologia brasileira. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- SANTOS, Antonio Bispo dos. Somos da terra. Piseagrama, Belo Horizonte, n. 12, p.1–10, 2018.